



## **Uma Antropologia Pública?**

Ana Clara Sousa Damásio dos Santos  
Universidade Federal de Goiás - UFG

Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

### **Resumo**

Como defender a Antropologia no atual contexto político e histórico quando a população não sabe o que é Antropologia? Como defender a Antropologia quando o antropólogo constantemente se conforma com os papéis dúbios que assume em campo durante a pesquisa? Ainda em 2018 tive a ideia de realizar um "Diário de Campo Visual". O objetivo inicial era abrir uma conta em uma rede social de compartilhamento de fotografias (Instagram - @diariodecampovisual) e todos os dias postar uma fotografia do campo em conjunto com uma reflexão acerca do mesmo. Em campo realizado no primeiro semestre de 2019 em Canto do Buriti - PI sobre Curso de Vida foram produzidas e compartilhadas 90 fotografias em 90 dias. Algumas pessoas passaram a acompanhar as fotografias na rede social como professoras, moradoras da cidade, familiares, alunas, pesquisadoras, meios de comunicação e políticos. Novas perguntas emergiram além da intenção inicial de "compartilhar" ou "devolver" fotografias, mas de torna-las "públicas" em conjunto com a temporalidade da pesquisa com reflexões ainda iniciais sobre o campo, as interlocutoras e a Antropologia num sentido amplo do termo. A partir da exposição da minha experiência em campo, buscarei tencionar questões como: Artistas, Escritoras ou Antropólogas? Quais os limites das grafias antropológicas? Quais os limites da criatividade? Qual o papel da imaginação e da ficção dentro do projeto político de ciência da/na Antropologia no atual cenário político brasileiro? Como pluralizar nossas formas de mostrar os resultados das nossas pesquisas? Quais os limites da escrita quando nosso trabalho não cabe na mesma? Qual a importância de pensar a prática da escrita como algo que nunca se fecha e se encerra? Esse texto se propõe a fazer uma reflexão do artesanal processo de realizar um "Diário de campo Visual Público", seus dilemas, controvérsias, benesses, limites e potencialidades dentro dos estudos da visualidade.

**Palavras-Chave:** Antropologia Pública, Antropologia Visual, Fotografia



## Introdução?



@diariodecampovisual | Dia 10 | Sombrinha, guarda-chuva ou guarda-sol são nomes dados à esse objeto. Até agora não vi homens usando sombrinha, apenas mulheres. Os homens utilizam bonés, chapéus ou nenhum acessório. A divisão desses objetos por gênero é mais rígida em relação a sombrinha. Nunca vi um homem de sombrinha, mas já vi algumas mulheres de chapéu. O engraçado é que muitas crianças e adolescentes não utilizam nenhum desses objetos ao transitar pela cidade. Seria a sombrinha um objeto de adulto ou pessoas mais velhas (mulheres)? Sei que ontem comprei uma sombrinha com flores rosas/vermelhas e foi aprovado por Dona R. que disse: "Muito bonita essa sua sombrinha!". [#diariodecampovisual](#) [#diariodecampo](#) [#antropologia](#) [#campo](#) [#etnografia](#) [#genero](#) [#envelhecimento](#) [#velhice](#) [#nordeste](#) [#cantodoburiti](#) [#fotografia](#) [#photography](#) [#sombrinha](#) [#anthropology](#)

Eu iniciei esse texto de outra forma. Tentei. Mas para falar sobre o que quero falar, preciso travar essa conversa de frente à frente, seja a conclusão última que você virá a ter das minhas ideias e palavras. Espero que tenha paciência. Paciência necessária essa, pois ainda tento também absorver as perguntas e respostas com você. Uma resposta nunca é



fechada, nunca se encerra em si, assim como uma conclusão. Elas sempre abrem margem para pensar outras perguntas, outras conclusões, outros caminhos possíveis. Como Anzaldúa (2000) diz, “Não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos — chamo isto de escrita orgânica” p.234. É preciso expor o que temos dentro de nós em uma tentativa de fazer sentido e criar. Essas palavras são ainda pensamentos iniciais, pensamentos a serem entendidos, compartilhados e não conclusivos. Creio que as perguntas ajudam a pensar mais do que as respostas nesse texto.

Quantas vezes enquanto você estava em sala de aula, nos bares, nos encontros dos corredores com colegas de curso ouviu os seguintes resmungos: “As minhas interlocutoras não entendem o que é Antropologia”, “Me confundem com profissionais de saúde”, “Meus pais não sabem o que é Antropologia”. Certa vez ouvi de uma professora durante uma aula de Métodos e Técnicas em Antropologia Social - MTAS na Universidade de Brasília - UnB ainda na graduação em 2014 que: “Temos que encontrar outras formas de comunicar o que fazemos”. Engraçado como algumas coisas nos tocam, mas precisam do tempo para fazer sentido. Lembro que carreguei essa frase comigo, sabia que era importante, mas ainda não sabia dizer porquê.

Desse dia em diante um incômodo emergiu. Porque as pessoas não sabem o que é Antropologia? Lembro que na época parecia “natural” o fato das interlocutoras não saberem o que era a Antropologia. A pesquisadora é quem teria que tentar explicar de outra forma, simplificar a forma de dizer o que era Antropologia. Demorei para fazer a próxima pergunta: Porque é “natural” que as interlocutoras não saibam o que é Antropologia? No contexto colonial em que surgiu a nossa disciplina também era “natural” que os “nativos” não soubessem o que era Antropologia e em pleno o século XXI essa parece ser a tônica.

Quando ingressei quatro anos depois no Programa de Pós Graduação em Antropologia – PPGAS da Universidade Federal de Goiás - UFG e no momento de circunscrever meu novo campo em Curso de Vida e Marcadores Sociais da Diferença aquela frase emergiu com muita força: “Temos que encontrar outras formas de comunicar o que fazemos”. Era a hora de tentar algo além da dissertação, mas o que? Pensava em como pluralizar, em como fazer com que minhas interlocutoras entendessem o que eu fazia, em como comunicar antropologicamente para as pessoas que não fazem Antropologia o que era Antropologia. Era uma tentativa de fazer da Antropologia algo entendível até para mim. Uma questão puxava a outra. Estava em uma tarde qualquer de



2018 em uma rede social<sup>1</sup> de compartilhamento de imagens e surgiu a ideia de fazer um Diário de Campo Visual. O Diário de Campo Visual se tornava a minha principal forma de tentar pluralizar minha forma de comunicar o campo. Agora a próxima pergunta, como comunicar essa ideia para meus pares e operacionalizar isso?

Comecei a contar aos colegas mais próximos minhas intenções. Quando comunicava a ideia de fazer um Diário de Campo Visual uma exclamação e uma pergunta surgiam. A afirmação era acompanhada de empolgação: “Nossa! Que Legal! ”. Já a pergunta, era composta por um misto de interesse e desconfiança: “Mas porque um Diário de Campo Visual? ”. Claro, era necessário a justificativa do porquê um Diário de Campo Visual, mas a única coisa que eu conseguia dizer era: “É uma forma de comunicar meu campo e pesquisa para além de uma dissertação, um texto escrito”. Esquecia eu, que as fotos também eram uma forma de grafia, mas uma grafia com uma outra potência de comunicação. A explicação com o tempo mudou para a “experimentação”. Dizia eu a plenos pulmões que “quero experimentar uma outra forma de fazer Diário de Campo”.

Surgiu um outro componente em conjunto com a ideia da “experimentação”. Para experimentar, é preciso fazer. Como aponta Ingold (2015), “Não é, pois, a experimentação tão fundamental para a investigação antropológica quanto o é para formas de vida que ela tenta entender? ” (p. 43). Então porque constantemente estamos expurgando os experimentos dos nossos espaços diários antropológicos? Não adiantava minhas inúmeras justificativas do porquê fazer um Diário de Campo Visual para meus pares. Como costumamos fazer um Diário de Campo no sentido clássico do termo? Nós vamos ao nosso campo e o vivenciamos e experimentamos para só então fazer/escrever um Diário de Campo. Eu só poderia ter uma justificativa indo a campo, fazendo um Diário de Campo Visual e a partir daí tentar comunicar aos meus pares o porquê de fazer ou não. E só foi fazendo o Diário de Campo Visual que novas perguntas emergiram além da intenção inicial de “compartilhar” ou “devolver”<sup>2</sup> fotografias, mas de torná-las “públicas”

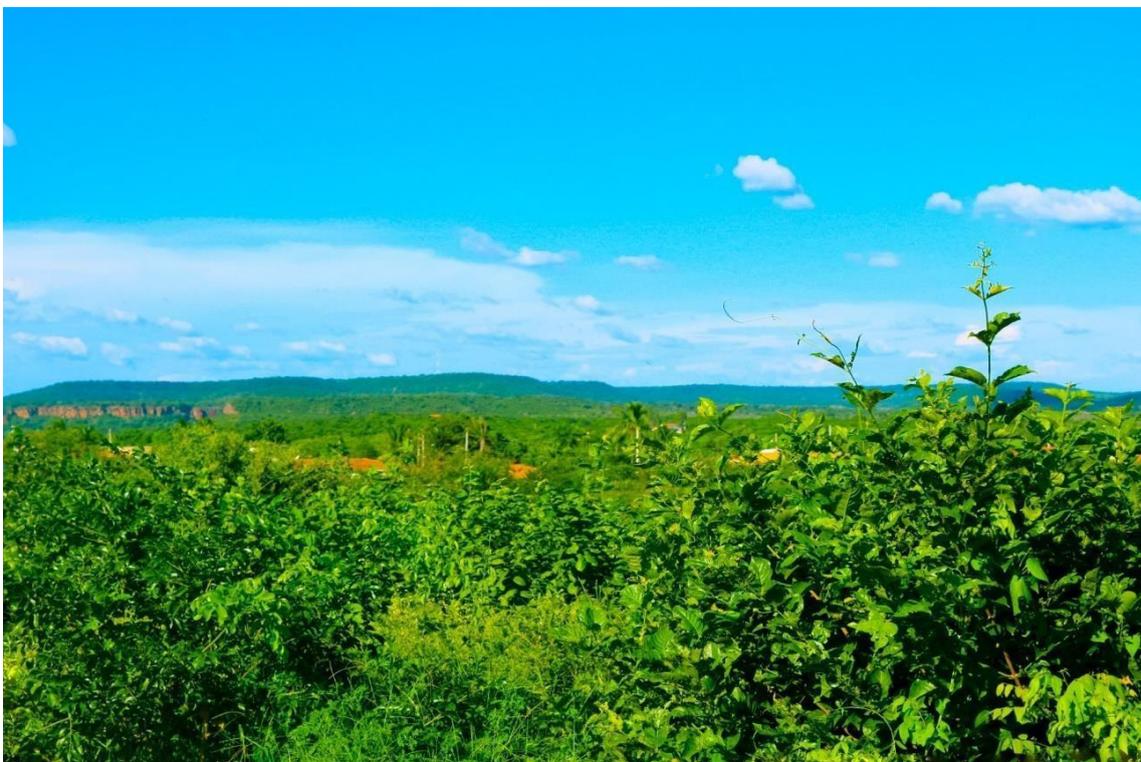
<sup>1</sup> Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr.

<sup>2</sup> “O debate sobre a devolução de dados é motivado por diferentes aspectos, como a crítica aos moldes colonialistas e objetificadores do início da disciplina, o compromisso e acordos estabelecidos entre participantes da pesquisa, a revisão continuada de nossa prática profissional, as possibilidades de tradução aplicada do conhecimento por nós facilitado etc.”. (Fleischer, 2015, p. 2651).

em conjunto com a temporalidade da pesquisa com reflexões ainda iniciais sobre o campo, as interlocutoras e a Antropologia num sentido amplo do termo.

Se você chegou até aqui, percebeu que as vezes as ideias que temos dentro do fazer antropológico não vem com um sentido pronto, feitas e completas. É preciso do tempo e um punhado de coisas que nem sempre são nominadas para que alguns incômodos ganhem nome, para que algumas ideias ganhem corpo e para que você entenda a sua própria ideia. A Antropologia nos ensina a estranhar e foi apenas estranhando um estranhamento em relação a um fazer antropológico, que pude refletir sobre a minha forma de fazer Antropologia. Como última questão deixo: O quão a Antropologia nos socializa para estranhá-la?

## **Campo**



@diariodecampovisual | Dia 05 | Grandes secas ocorreram historicamente no Nordeste. Muitos fotógrafos e emissoras foram responsáveis por registrar esses episódios e transmitir ao restante do Brasil o que seria esse “Nordeste”. Ao retratar, enquadrar e



divulgar, também se congela. Ainda pensamos em Nordeste imageticamente como um lugar seco, com muita falta, poeira, chapéu de couro, bodes e cabras. Existem outros Nordeste e outras formas de retratá-lo imageticamente. Durante a estrada e ao chegar aqui em Canto do Buriti - PI encontrei um caminho verde e uma cidade verde. Hoje à noite choveu e como disse minha avó ao encontrar uma manhã chuvosa: "Parece que invernou". É bom não esquecer que aqui também "inverno". #diariodecampovisual #diariodecampo #antropologia #fotografia #photography #nordeste #cantodoburiti #campo #anthropology

“Oi Dona Nita!”, dizia alguém aqui. “Voltou, Dona Nita? ”, perguntava alguém ali. Nesse cumprimentar, dependendo de quem passava, Anita logo indagava: “Opa! Como tá? ”, “Como tá sua mãe? ”, “Tem notícias de Marieta? ”. A partir das perguntas de Minha avó algumas pessoas encostavam no portão para continuar a conversa, outras pessoas entravam e se achegavam na varanda em uma cadeira de corda, outras pessoas respondiam rapidamente e continuam seu caminho. Ali, tínhamos notícias dos falecimentos, pragas que atingiam as roças, se ainda tinha feijão de corda na feira de sábado, quando a água iria acabar, quem se suicidara, quem tinha ido para o “interior”, quem viajara para São Paulo, quem nascera, as brigas da vizinhança. Os assuntos eram diversos. Ao mesmo tempo, Anita era indaga acerca de “Como vão suas meninas? ”, “Vai ficar quanto tempo? ”, “Voltou para ficar? ”.

Palavras chegavam com as visitas e ficavam conosco. As palavras da minha avó também iam com a pessoa após sua partida. Essas palavras que foram embora com as visitas provavelmente repousariam em alguma outra varanda. Certa vez, sentada na varanda a noite enquanto escrevia ouvi duas vizinhas que estavam em pé na esquina dizer uma à outra: “O que você acha que elas [duas mulheres que moravam na esquina oposta] fazem ali sentada o dia inteiro? Elas ficam cuidando da vida aleia”. Sorri ao ouvi esse comentário lembrando do livro da Cláudia Fonseca (2004) onde ela colocou que “Ninguém se considera fofoqueiro, mas todo mundo concorda em dizer que há fofoca constantemente na vizinhança” (p.45). Ninguém assume que “cuida da vida aleia”, mas todo mundo acaba sabendo “da vida aleia”.

Após essas conversas que poderiam ser rápidas ou se alongar a toda uma tarde, as palavras continuavam quando as visitas iam embora, pois era o momento da minha avó tecer comentários para mim sobre a conversa recente, o que achava dos “assuntos” que chegavam, “lembrar” e “contar”. Agora iniciava a nossa conversa. As varandas eram



espaços onde o passado, presente, futuro e “até depois da morte” emergiam, mas não necessariamente nessa ordem. Estávamos no presente, íamos para o futuro, voltávamos para o presente e quando bobeávamos, estavam no passado. Lá poderíamos ficar ou ir para outro tempo. Anita não contava em uma ordem cronológica e linear, pois os tempos e as “lembranças” não eclodiam assim no “lembrar”. Assim como a vida não aconteceu e nem continuaria ocorrendo assim.

Anita e Itamar que nas varandas de suas casas falavam e “lembravam”, fazem o que chamei de “remontar tempos em um mesmo falar-lembrar”. Não era apenas o passado que existia no ato de falar-lembrar. “Não lembro. A gente não vai labutando e vai esquecendo”, disse Anita. “Eu posso saber mas não lembro. Saí daqui muito nova”, disse Itamar. Existe um labutar-lembrar, falar-lembrar. Se você não fala de algumas pessoas, lugares, coisas, “lembranças”, elas são tão “esquecidas” quanto não-lembradas apesar de ainda existirem. Se você não vive um lugar, pessoas e coisas, como Itamar, você pode até saber, mas não lembrar. Como disse Anita após não conseguir “lembrar”, “escapou”. “Lembranças” também são capazes de “escapar”. Nathan Virgílio (2018) em uma fortuita colocação disse que seu Diário de Campo talvez pudesse ser chamado de Caderno de lembranças. Um Diário de Campo pode ser muitas coisas, inclusive, um Caderno de Lembrança das “lembranças”. “Lembranças” essas que mais tarde virarão textos como esse.

### **Um pouco do Diário de Campo Visual**

“Ontem mesmo eu já comecei a postar as fotos no meu Diário de Campo Visual. Eu não coloquei nenhuma justificativa, porque eu não achei necessariamente que deveria ter e na verdade eu nem sei justificar. Que necessidade é essa de compartilhar imagens e palavras do meu campo? Acredito que a imagem mais tarde, assim como as palavras que lá deixei publicamente, me ajudem e ajudem outras pessoas a refletirem sobre minhas imagens e meu campo, ou sobre a Antropologia em geral. É uma forma de comunicar meu campo, minhas ideias e minhas interlocutoras. É em última instância dizer que a Antropologia pode ser feita publicamente, por mais que não seja feita publicamente.”. Trecho do Diário de Campo Físico - 11/03/2019



As reflexões acerca do Diário de Campo Visual não figuravam apenas nas postagens, mas também no meu Diário de Campo Físico. O Diário de Campo Visual foi uma expressão de 90 dias em campo, 90 dias publicando, 90 dias tentando entender o que eu estava fazendo com as fotos, as imagens e a pesquisa. No Dia 10 de Março me encontrava na Rodoviária Interestadual de Brasília com minha avó. Estávamos aguardando nosso ônibus com destino a Canto do Buriti – PI. Já na rodoviária de Brasília tirei minha primeira fotografia. Era a mão dela ansiosa aguardando para embarcar. Seus dedos estavam entrelaçados, mas eu foquei em sua pele. Pele essa que estava com os sulcos de “cair pra idade”. Escrevi minha primeira postagem no @diariodecampovisual. Segui alguns 20 colegas de curso no @diariodecampovisual e embarcamos. Nessa primeira postagem coloquei algumas hashtags<sup>3</sup> como #antropologia #diariodecampo #diariodecampovisual #envelhecimento #velhice #fotografia.

E assim foi iniciado o projeto não só de uma Diário de Campo Visual em uma plataforma digital, mas também de um Diário de Campo Público. Os dias seguiam em campo e as postagens também. Havia uma rotina em viver o dia em campo e apenas a noite após a escrita do Diário de Campo Físico, escrever no Diário de Campo Visual. Como o Diário de Campo Físico vinha primeiro, as vezes a reflexão do Diário de Campo Visual era alguma descrição que também estava no meu Diário de Campo Físico. Outras vezes, era a imagem postada naquele dia que fazia a descrição. Eu olhava para a imagem e pensava em algum aspecto do campo que não ocorrera necessariamente naquele dia, mas que era importante para comunicar minha vivência em campo em conjunto com aquela imagem.

Com o passar dos dias e o aumento dos seguidores, as pessoas começaram a mandar DMs<sup>4</sup>, comentar nas fotografias, interagir com comentário, perguntas, sugestões, dúvidas, comparações com seus campos, elogios e desabafos. Segue algumas DMs:

1) Obrigada, por me trazer novamente a sensação, na verdade, as lembranças do quanto eu era apaixonada pela Antropologia. Mas me perdi ao longo do processo. E é inspirador. Lembro de um texto de Rubem Alves, chamado Ciência Coisa Boa. E que me motivou

<sup>3</sup> Hashtags são compostas pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha (#). As hashtags viram hiperlinks dentro da rede, indexáveis pelos mecanismos de busca.

<sup>4</sup> DM significa “Direct Message”. É um espaço reservado na conta do Instagram para o envio e recebimento de mensagens de forma privada ou em grupo.





feira? vc observou se ai a maioria tem é moto? tipo 99,9 das pessoas? pq no Maranhão é assim. <3 manteiga de garrafa 4) estou revivendo cada linha do seu texto kkkkkkkkkkkkk muito bom 5) assim mesmo que funciona. Kkkkk. Vc está me saindo uma boa observadora. 6) Estou amando fazer essa jornada ouvindo suas narrativas. 7) @garotodeprogramanutella lembrei da nossa conversa sobre velhice. E esse perfil é bem bacana, acho que vc vai curtir.

Como podem perceber, algumas pessoas que acompanhavam o perfil, eram também pessoas que moravam em Canto do Buriti, tinham algum parentesco com a cidade ou haviam migrado da cidade. A sensação ao ver que alguma pessoa que conhecia a cidade comentar era de estranhamento para mim. Explico porquê. Quando pesquisamos um contexto e entregamos nossa dissertação final a uma banca, quantas pessoas do contexto de pesquisa leem a dissertação do início ao fim. Partindo do pressuposto de que todas as pessoas do seu campo são alfabetizadas, coisa que não ocorre no meu contexto de pesquisa. Além disso sabemos que as vezes nossos textos possuem uma linguagem tão técnica que impossibilita a comunicação com outras áreas.

E isso gera outra questão. Quantas pessoas do seu campo podem ter acesso ao seu material produzido em campo e afirmar: “assim mesmo que funciona. ”? Essa constatação só pode ser realizada com o processo de “devolução” e “compartilhar”, onde as interlocutoras têm a potência de tencionar o material finalizado e pergunto, quantas pesquisadoras ainda se colocam sob essa perspectiva e “risco”? “Compartilhar” nesse sentido em relação ao Diário de Campo Visual, vai além de um tentar fazer junto ou exibir os resultados finais de uma pesquisa, mas também de deixar com que as pessoas façam algo com o meu material.

No dia 6 de abril ao acordar em campo, já com calor e pronta para fazer meu café e da minha avó, resolvi ligar o celular. Na tela inicial vi que havia um novo comentário da postagem do dia anterior do @diariodecampovisual. Era a vigésima sétima fotografia e abaixo dela estava escrito: “Minha tia ♥”. Após isso, a pessoa começou a marcar outros familiares da senhora que estava na fotografia. Meu sentimento foi de apreensão. Mesmo pedindo autorização para a senhora para postar a fotografia, meu medo era de que seus parentes não gostassem da fotografia, ou do relato do dia, ou de qualquer outra coisa... mas não foi isso que ocorreu. Os outros familiares curtiram o comentário primeiro e o homem que marcou, disse que visitaria a tia em breve.



De onde veio aquela sensação de incômodo? O incômodo era gerado, principalmente, pela ideia de “risco” que eu corria a cada postagem. Essa sensação era gerada pela possível chegada de algum morador da cidade, pesquisador, anônimo em qualquer uma das fotografias e comentar: “não é assim que funciona”. Nenhum pesquisador quer ter a sensação da sua percepção tencionada, desmentida, desacredita e não atrelada à realidade, mas porque esse medo quando sabemos que o que fazemos é uma “ficção controlada” (Viveiro de Castro. 2002) ? Meu ponto é que esse medo emerge da constante percepção, as vezes consciente, as vezes não, de que o que fazemos ainda é “realidade”, além do carácter “científico”, logo, de “verdade” que ainda imbuímos à nossa pesquisa. Parece que uma parte de mim enquanto pesquisadora estava ainda treinada para apreender uma realidade que eu desse conta de colocar no papel. E dar conta está ligado a também conseguir explicar, mas entramos no campo das coisas que não necessariamente conseguem ser explicadas por uma relação de causa e efeito. É preciso assumir que vez ou outra não damos conta.

### **Depois do Campo**





@diariodecampovisual | Dia 41 | "Quem sabe você arruma um marido aqui!". | "Quando você chegar na minha idade...", "Você é muito novinha ainda...", "Se você tiver filhos...", "Quando casar...". Partos, cuidado com crianças, menopausa, sexualidade depois dos 60... Conviver com essas mulheres é constantemente ser interpelada pelas possibilidades de um vir a ser mulher. É como se ainda me faltasse muita coisa. Não é à toa que constantemente sou interpelada do porquê aos 24 anos ainda não tenho um marido, namorado ou filho. Inicialmente pensei que as perguntas eram apenas por curiosidade, com o tempo percebi que para além de curiosidade tinha uma pitada de preocupação para comigo. Uma mulher sem marido, mas principalmente sem filhos, é uma mulher sem cuidado no futuro. "Marido nem precisa tanto assim, mas sem filhos você vai ficar sozinha...". Não tem como não pensar nos papéis que esperam que uma mulher desempenhe socialmente, mas elas estão falando de uma equação ligada principalmente ao cuidado após os 60 anos (em alguns casos antes disso). Ter filhos é um cuidar hoje com algumas expectativas de que esse cuidado seja devolvido futuramente. As narrações de como os filhos ajudaram/ajudam nisso ou naquilo reforçam como os filhos (ou a falta deles) impactam na forma de envelhecer aqui. Hoje, acompanhando a trajetória de duas mulheres que decidiram não ter filhos, entendo em parte o cuidado/preocupação/curiosidade delas comigo... [#diariodecampovisual](#) [#diariodecampo](#) [#anthropology](#) [#antropologia](#) [#antropologiavisual](#) [#visualanthropology](#) [#campo](#) [#nordeste](#) [#piaui](#) [#cantodoburiti](#) [#filhos](#) [#cuidado](#) [#maternidade](#) [#casamento](#) [#fotografia](#) [#photography](#) [#genero](#) [#sexualidade](#) [#mulher](#) [#cursodevida](#) [#envelhecimento](#) [#vida](#) [#velhice](#) [#blackandwhite](#) [#pretoebranco](#) [#peb](#) [#gender](#) [#brazil](#) [#brasil](#)

Na casa de tia Itamar em uma tarde quente piauiense ela logo perguntou quando me viu: Trouxe a câmara hoje? Confirmei e nesse momento ela foi ao quarto e trouxe álbum de fotografias para que eu pudesse ver. Enquanto víamos as fotos ela disse: "Pra mim as fotos são lembranças". "Nessa eu tava com uns 25". As fotos eram de shows, casamentos, ano novo. "Só ficam as lembranças", disse ela saudosa. Mostrou outras fotos e nessa ela estava no fogão. Continuou: "Eu como sempre envolta das panelas". Como empregada doméstica ou cozinhando para a família nos finais de semana. Num álbum ela começou a mostrar a foto de cantores, como Leonardo, Daniel e disse que nessa época era "tiete". Fotos da Claudia Raia e seu hoje ex-marido Edson Celulari. "Tem horas que bate uma saudade vendo essas fotos". Batismo da Júlia. E num momento ela mostrou uma foto comigo em seu colo. Eu um bebê em São Paulo e 22 anos depois para ser mais exata,



me encontrava na casa dela, pesquisando ela, com ela. Como ela disse: "Os anos passam e a gente nem vê".

Essas mulheres parentes ou não, também modificaram minha forma de contar visualmente, as imagens iniciais do diário de campo visual eram apenas coloridas, depois passei para o preto e branco e por último com imagens em preto e branco e coloridas, pois elas mostraram que o tempo de um labutar, um falar, um dizer, um contar, um "lembrar" não é linear. Ele ocorre em uma varanda em que estávamos no passado, vamos para o futuro, voltamos para o presente e desaguamos em territórios ainda inexplorados. Pois o viver não ocorre de forma linear, a vida extrapola. As fotografias que ficaram no Diário de Campo Visual viraram "lembranças públicas" de uma pesquisa.

Expor nossos métodos de pesquisa as nossas interlocutoras e nossa pesquisa ainda é uma sombra que pesa nos ombros dos antropólogos. Não estamos acostumados com esse processo e tampouco a falar sobre ele. Ao longo das postagens um outro grupo acompanhou diariamente minhas postagens, minha mãe e minha tia Regina que moram em Brasília era um desses grupos. Ao longo desse processo e em uma conversa com minha mãe por telefone ela disse: "Agora entendo o que você faz. Você conta histórias!" Essa foi a forma que ela entendeu através da diária forma de acompanhar um fazer Antropologia através de um Diário de Campo Visual, o que uma Antropóloga faz. Em suma, uma antropóloga contava histórias, ou melhor, conta histórias de suas lembranças. Já minha tia Regina me enviou uma DM em que dizia para uma postagem específica: "São histórias importantes!". Ali, ela colocava um valor sobre o fazer antropológico, uma importância, como algo que fosse valioso de ser contado.

Essas duas mulheres viam um pouco do artesanal e cotidiano processo de fazer um campo antropológico. Por mais que eu tentasse explicar o que era Antropologia, processo esse que é difícil inclusive para as estudantes de Antropologia entenderem e sintetizarem, só fez sentido acompanhando para elas ao acompanharem esse processo do fazer, da minha experimentação. Passaram a ter uma ideia de como o fazer antropológico operava. Só que isso colocava mais uma questão, como disse, esse não é um texto pronto, mas um processo de abertura e nunca de fechamento.

Ainda durante o campo sondei alguns colegas antropólogos e sociólogos sobre o que eles achavam sobre as pessoas não saberem o que era a Antropologia e os papéis dúbios que os antropólogos assumem em campo. Uma das respostas que recebi foi, "É



assim mesmo! ”. Beirava um, “Porque Deus quis! ”. Outros afirmavam que era sim problemático o fato das pessoas não saberem o que era a Antropologia, mas não conseguiam me dizer porque essas mesmas questões que geravam incômodo, nunca eram mencionadas. Me pergunto e te pergunto, como defender a Antropologia no atual contexto quando a população não sabe o que é Antropologia? Como defender a Antropologia no atual contexto quando o antropólogo sempre se conforma com os papéis dúbios que assume em campo durante a pesquisa?

Voltemos a ideia de “risco” da qual falei ter sentido constantemente em relação ao Diário de Campo Visual. O risco que nós antropólogas corremos em relação a uma produção pública de conhecimento é que nossas interlocutoras saibam como nossos Diários de Campo são escritos, como nossos Cadernos de Campo são feitos, do controle que elas têm sobre a forma que nossas histórias são feitas e contadas. É claro que as pessoas não são cegas para como operamos em campo. Itamar, uma das minhas principais interlocutoras em Canto do Buriti em na nossa segunda conversa me disse, “Minha vida dá um livro! ”. Ela tinha consciência que eu escreveria sobre sua vida e eu fazia questão de deixar claro que absolutamente tudo o que conversávamos viraria um texto em seguida. Isso, gerava um outro desdobramento, Itamar sabia que precisava filtrar o que me dizia e deixava claro em alguns momentos, “Não coloca isso, viu! ”.

Mas apesar do controle que ela tinha das palavras que eu poderia publicar ou não, ela sabia como o Diário de Campo seria escrito? Quantos antropólogos colocam isso na mesa? Damos nossos Cadernos de Campo para nossas interlocutoras lerem? Temos medo não só do controle que nossas interlocutoras possam ter, mas também do controle que nossos pares possam ter da nossa pesquisa se feita de forma pública. Quando um par acompanha o processo da sua pesquisa, ele pode tencionar e questionar algumas decisões tomadas por você ao longo do seu campo e no seu texto final. A questão é que ainda temos muito medo de que as interlocutoras saibam que tem o controle sobre a produção dos nossos dados, pois temos ciência de que eles (os “dados”) são construídos na relação, mas não é apenas a relação que importa, mas a parte da vida de uma pessoa que ficará cristalizada no papel. A Antropologia só é possível com as pessoas, mas a impressão que tenho é que as pessoas nunca podem plenamente saber o que é a Antropologia, como ela é feita e em que moldes.

Dito isso, voltemos um pouco mais atrás na história da nossa disciplina. Mais especificamente ao contexto colonial em que os moldes das pesquisas antropológicas



começavam a ser fundados. Havia uma prerrogativa nos contextos de pesquisa colonial, os “nativos” não sabiam o que era Antropologia como pontuei anteriormente. Minha pergunta é, ainda estaríamos em um contexto onde para a Antropologia vigorar no hall das “ciências” seria necessário um desconhecimento sobre como a mesma opera? Nesse sentido, o sistema colonial de pensamento ainda seria o cerne da disciplina? Caso nossas interlocutoras tivessem a mesma ciência do que é a Antropologia, seus métodos, moldes conceituais, o controle que elas têm sobre a Antropologia, a Antropologia ainda seria Antropologia? Ou seria uma outra coisa? Aponto que apenas pesquisas atreladas a povos historicamente pesquisados poderiam responder essa questão. E quem sabe, pesquisas com os próprios antropólogos? Não são apenas os sistemas políticos, jurídicos e econômicos que possuem medo de disciplinas que são historicamente conhecidas por fazer “pensar”, parece-me que os Antropólogos também têm medos dos quais pouco ouvimos falar, mas que existem. E deixo aqui uma última inquietação: será que o plano epistemológico da disciplina nunca foi abrir espaço para “outros mundos”/“epistemologias outras”? Ou esses “outros mundo” e “epistemologias outras” são apenas bem vindas desde que não atinjam o caráter “científico” da mesma?

### **Referências Bibliográfica**

Anzaldúa, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. Revista Estudos Feministas. v. 8, n. 1 (2000).

Fleischer, Soraya. “Autoria, subjetividade e poder: devolução de dados em um centro de saúde na Guariroba (Ceilândia/DF)”. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2015, vol.20, n.9, pp.2649-2658.

Fonseca, Cláudia. Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares /. - 2.ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

Ingold, Tim. "Limpando o terreno". / Estar vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Editora Vozes, 2015. P.43

Ingold, Tim. "Repensando o animado, reanimado o pensamento". / Estar vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Editora Vozes, 2015.

Virgílio, Nathan. Pensa que é só dar o de-comer? Criando e pelejando com parente e bicho bruto na comunidade do Góis-CE. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social / Museu Nacional / UFRJ.